

Significação na Cibercultura.¹

Silvia ROQUE FIGUEROA²
José Riverson Araújo Cysne RIOS³
Universidade Federal do Ceará

RESUMO

O paradigma da comunicação de conceber ao consumidor como um ser receptivo e passivo, e sem capacidade crítica poderia ainda persistir na lógica dos meios de comunicação. A semiótica propõe uma abordagem mais realista da dinâmica comunicacional, dando uma noção de liberdade interpretativa ao sujeito e levando em conta a interação do homem com as novas tecnologias do mundo contemporâneo, o objetivo do artigo é criar um diálogo entre diversas posições de autores, que vêm justamente nessa capacidade de resposta significativa do ser humano, uma possibilidade de intervenção crítica frente ao poder dos meios de comunicação. E através do trabalho do artista Brecht Vandenbroucke, no ciberespaço, analisar o tema em questão.

PALAVRAS-CHAVE: Comunicação; Semiótica; Cibercultura; Teorias.

1. Introdução

No presente artigo tentamos construir uma percepção do nosso fazer como receptores da mídia. Frente ao sistema de condicionamentos que os veículos das mensagens possuem, seria possível para o homem-massa desenvolver uma capacidade activa, criadora de significados e deixar de ser simplesmente reprodutores de conceitos? E levando a sério também o fenômeno de que o ciberespaço tem se convertido no mundo contemporâneo numa extensão de nossa compreensão da realidade, procuramos ver uma possibilidade do posicionamento que nós, os consumidores (receptores) da mídia, poderíamos adotar.

2. Uma sociedade de massa

Ao longo do tempo a representação do receptor na comunicação tem mudado de apreensão de acordo com o contexto histórico, social e político, para poder atravessar a ideia

¹ Trabalho apresentado no DT 1 – Jornalismo do XXXIX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação realizado em São Paulo - SP de 05 a 09 de setembro de 2016.

² Estudante de Graduação 3º. semestre do Curso de Comunicação Social, habilitação em Publicidade e Propaganda do I.C.A.-UFC, e-mail: silvia.roque.figueroa@gmail.com.

³ Orientador do trabalho e professor do Curso de Comunicação Social – Publicidade e Propaganda da UFC, e-mail: riverson@ufc.br.

de um receptor ativo no processo comunicacional, é conveniente passar antes por os primeiros enfoques clássicos como é a teoria hipodérmica. A qual instaurou o conceito da sociedade de massa. Segundo esta teoria, as relações comunicativas se reduzem numa relação de poder de estímulo resposta, onde os *mass media* podiam controlar às pessoas através de estratégias controladas. As grandes massas de indivíduos eram representadas, segundo hábitos de pensamentos heterogêneos, mas concordantes neste ponto, como atomizadas, alienadas, “primitivas”. (WOLF, 1994, p. 25, grifo do autor) A massa seria o resultado da crise e enfraquecimento das instituições como o da família e a comunidade. Segundo Ortega y Gasset (1930, p. 51): “as massas revelam, todavia, um estado de espírito absurdo: preocupam-se apenas com seu bem-estar e, ao mesmo tempo, não se sentem solidárias com as causas de esse bem-estar” (apud WOLF, 1994, p. 22). Encontramo-nos assim numa teoria que não considera ao receptor uma pessoa pensante, refletiva das mensagens que recebe. Assim Wright Mills (1963, p. 203) coloca sobre a teoria hipodérmica: “Cada indivíduo é um átomo isolado que reage isoladamente às ordens e às sugestões dos meios de comunicação de massa monopolizados” (apud WOLF, 1994, p. 24).

Seria na Escola de Frankfurt, com a teoria crítica, que iriam definir ao indivíduo da massa como acrítico, manipulável conformista e dominado. Juntos constituiriam à chamada indústria cultural, entendida como forma de domínio das sociedades altamente desenvolvidas (WOLF, 1994, p. 81). Os pensadores deste modelo revelam assim uma perspectiva “apocalíptica” do prognóstico para a sociedade. Segundo Adorno (1954, p. 390):

Assim, as pessoas podem não só ser privadas da verdadeira compreensão da realidade como também a sua capacidade de entenderem a experiência da vida pode ser fundamentalmente enfraquecida com o uso constante de óculos fumados (apud WOLF, 1994, p. 82).

A ideia da indústria cultural foi criando então uma sensação de pessimismo com respeito à os meios de comunicação e as novas formas de interação na vida cotidiana do ser humano. Eco (1984, p.19, tradução nossa, grifo do autor) irá criticar esta posição:

De fato, o uso indiscriminado de um conceito fetiche como é o da “indústria cultural” implica, no fundo, a incapacidade mesma de aceitar estes acontecimentos históricos, e com eles a perspectiva de uma humanidade capaz de operar sob a história.

Na perspectiva de Eco (1984, p.18) a posição pessimista de alguns autores reflete uma profecia que não sabe escolher entre um proclamado amor para as massas ameaçadas por a catástrofe e o secreto amor pela mesma catástrofe. Eco (1984, p.21) propõe uma visão onde a homem possa se perguntar até que ponto é preciso elaborar uma nova imagem dele em

relação ao sistema de condicionamentos; um homem não livre da máquina, mas livre em relação à máquina. Assimilando que o controle daquelas máquinas é de uma elite, cujo interesse maior é econômico e considerando como realidade que nossas vidas têm criado uma relação com os meios de comunicação; e estes mesmos vêm se reinventando dia a dia, até o ponto de ser praticamente uma extensão de nossa compreensão do nosso mundo. Como é que podemos posicionar-nos frente às novas formas de interação?

É de fato que aquele grupo de elite usa às massas com fins de lucro, e pouco importa a criação de uma experiência crítica nelas (ECO,1984, p.24, tradução nossa). Mas convém afastar-nos da percepção de vítimas para poder fazer frente ao sistema, Eco (1984, p.24, tradução nossa) irá citar a Marx, justamente para dar resposta aos teóricos da massa, na frase: “Se o homem é formado pelas circunstâncias, as circunstâncias devem voltar-se humanas”. E, pois, nesse contexto de grupos de poder, encontra-se um fenômeno, o do espectador ativo:

Algumas observações sobre as reações da população ao estímulo televisivo, induzem a pensar que, em muitos casos, a reação de espectador é do tipo ativo e crítico: frente à revelação de um mundo possível, e ainda não atual nasce um movimento de rebelião, uma hipótese operativa, que equivalente a um julgamento. Aqui é um caso de interpretação da mensagem segundo um código que não é de aquele que comunica. (ECO, 1984, p. 32, tradução nossa).

Contamos então com um presente de possibilidades para criar uma comunicação mais significativa. Utilizar o campo do ciberespaço, por exemplo, como um espectro de possibilidades para humanizar nossas circunstâncias. Talvez o erro está em pensar a sociedade de consumo, como algo sentado e absoluto, esta apreensão do mundo seria só o resultado de uma reação humoral e neurótica. Estamos frente a uma sociedade mutante onde o crítico deverá enfrentar-se cada vez mais aos objetos e a seus consumidores como se fosse a descobrir algo inédito (ECO,1984, p.32, tradução nossa).

Nas palavras de Eco (1984, p.33, tradução nossa) sobre o crítico apocalíptico (pessimista) com respeito aos meios de massa (e as máquinas): “Em realidade ele se tem negado já desde o começo a examinar o instrumento e a ensaiar suas possibilidades”. Continua:

O problema não é o querer determinar se a existência das culturas de massa é boa ou má. A pergunta poderia ser: O que ação cultural é possível para fazer que estes meios de massa possam ser veículo de valores culturais? (ECO,1984, p.59, tradução nossa).

É nessa abertura que situamos as ações de propaganda de vários artistas, que tem encontrado no ciberespaço um meio de comunicação de crítica e até resistência à sistemas

que paradoxalmente tem se criado no ciberespaço como as redes sociais, e neste artigo numa análise especial, as peças de Brecht Vandenbroucke, que depois será citado.

O uso do ciberespaço seria justamente o meio, a máquina que a massa tem para se manifestar ou para ser controlada. É assim que numa entrevista a Toni Negri (DELEUZE, 1992, p. 216) ele explica: “A cada tipo de sociedade, evidentemente, pode-se fazer corresponder um tipo de máquina: [...] as cibernéticas e os computadores para as sociedades de controle”. Negri além disso logo coloca:

É verdade que, mesmo antes das sociedades de controle terem efetivamente se organizado, as formas de delinquência ou de resistência (dois casos distintos) também aparecem. Por exemplo, a pirataria ou os vírus de computador, que substituirão as greves e o que no século XIX se chamava de "sabotagem" (DELEUZE, 1992, p. 216, grifo do autor).

Assim a possível organização dos membros da massa seria reconhecida, o ser humano que no início foi só um consumidor passivo, agora, pressupondo uma ação crítica pode organizar-se. Mas como é que essa nova forma de se expressar surgiu? Segundo Eco (1984, p.368, tradução nossa):

A informação visual [...] diminui a vigilância do espectador, o força a uma participação, o induz nele à uma compreensão intuitiva que pode também não se desenvolver verbalmente. Em consequência, esta comunicação visual provoca na massa umas mudanças psicológicas que não podem deixar de ter seu equivalente no campo sociológico e criam uma nova forma de civilização, uma radical modificação das relações entre os homens e o mundo que os rodeia, seus semelhantes, o universo da cultura.

O entendimento de um ser humano interpretante e crítico funcionaria só numa lógica de uma significação de signos, na lógica da semiótica, que coloca no receptor um alto valor comunicativo.

3. Os interpretantes da massa

A apreensão da comunicação pela semiótica elimina a estrutura linear das teorias da comunicação anteriores (teoria da matemática, teoria hipodérmica). O receptor não é mais uma entidade passiva de informação. A comunicação teria um caráter complexo de três componentes que interagem e que existem em relação ao outro. Seguindo a elementos da comunicação segundo Pierce tratam-se de:

O signo que seria algo que representa alguma coisa para alguém em determinada circunstância. [...] que de algum modo conecta com uma experiência anterior (NIEMEYER, 2003, p. 31). O segundo elemento seria o objeto que vem a ser o modo como o signo se refere

àquilo que representa (NIEMEYER, 2003, p. 36), e o terceiro elemento é o interpretante, que consiste nas possibilidades interpretativas do signo [...], o interpretante é o que um signo pode gerar na mente de alguém (NIEMEYER, 2003, p. 39).

Desta forma a dinâmica comunicativa abre passo para possibilidades infinitas de significação, as formas são inúmeras para criar um interpretante a partir da relação com o objeto. Os signos que são veiculados podem tomar forma de diversas representações. Nesta lógica os seres humanos são sujeitos geradores de significados. A sua vez as formas interpretativas dependem dos códigos das mentes receptoras da mensagem. Segundo Eco (1991, p. 127, grifo do autor):

Assim o cruzamento das circunstâncias e das pressuposições entrelaça-se com o cruzamento dos códigos e dos subcódigos, fazendo de cada mensagem ou texto uma *forma vazia* a que se podem atribuir vários sentidos possíveis.

A apresentação da dinâmica da semiótica neste artigo tem como objetivo criar uma base, um argumento para devolver ao homem-massa sua capacidade sógnica frente ao contexto de excesso de informação, onde os poderes da mídia não levam em conta seu valor criador, e só veem nele um consumidor incompetente e uma "máquina celibatária" (CERTEAU, 1998, p. 94, grifo do autor)

É nesse contexto, que ele, o homem-massa, se encontra no ciberespaço exposto ao consumo de imagens (ou ainda estar sendo devoradoras por elas) que criam seus corpos, seus modos de vida, seus preconceitos, suas representações da realidade. Através da internet, hoje se experimenta um consumo de conceitos em forma de redes sociais, por exemplo, que dentro de toda sua grande dinâmica somos reduzidos a ser cifras de públicos alvos. A provocação depois do dito antes, é: Será que estamos confinados a só ser meros reprodutores de conceitos no ciberespaço? O meio da internet nos tem definido?

Citando a teoria de McLuhan, onde o meio é a mensagem, Eco (1984, p.400, tradução nossa) faz a seguinte crítica:

Se o meio é a mensagem, não se tem nada o que fazer [...]: estamos governados pelos instrumentos que nós temos construído. Mas a mensagem depende da leitura que se dá dele, no mundo da eletricidade existe ainda lugar para a guerrilha [...].

O nome do mundo contemporâneo, talvez melhor definido, seria o do ciberespaço. Onde suas redes e lógicas vem criando além de novas formas de comunicação, também uma individualização caótica, uma instantaneidade que poderia eliminar talvez nosso sentido de grupo humano. Mas é verdade também que não podemos reduzir nosso futuro com a relação

à máquina, as redes da internet não podem definir absolutamente nossa comunicação. Mas podemos apreender o mundo de outra forma. Lévy (2010, p. 25) referindo-se à técnica também infere que uma sociedade pode estar “condicionada” pelas suas técnicas, mas não a determinam.

4. Interpretantes ativos no ciberespaço

Definimos então o ciberespaço como uma realidade que tem dado à comunicação das massas novos aspectos simbólicos através de uma linguagem mutante. Levý (2010, p. 94) o define como: “O espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores e das memórias dos computadores.”

Segundo Berger (1997) em lugar do impacto, a ênfase deslocou-se para o contexto e para a observação e avaliação das “negociações”, “reapropriações” e, portanto, “consumo ativo” das mensagens produzidas nas mídias pelos receptores (SANTAELLA, NÖTH, 2004, pag.55, grifo do autor).

No meio da Internet através das máquinas, é essa a força que as pessoas podem explorar, porém Toni Negri também vê um perigo passivo que seria a interferência, e, o ativo, a pirataria e a introdução de vírus (DELEUZE, 1992, p.223). Mas em busca de um diálogo entre o ciberespaço o ser humano talvez poderíamos adotar aqueles “perigos” como parte da nossa comunicação, e além disso poder transformar eles em possibilidades. Porque já criamos uma convivência.

É impossível separar o humano de seu ambiente material, assim como dos signos e das imagens por meio dos quais ele atribui sentido à vida e ao mundo. Da mesma forma, não podemos separar o mundo material - e menos ainda sua parte artificial - das ideias por meio dos quais os objetos técnicos são concebidos e utilizados, nem dos humanos que os inventam, produzem e utilizam (LÉVY, 2010, p. 22).

Considerando que não podemos separar o humano, neste caso com o ciberespaço, Lévy (2010, p. 30) vê também nessa convivência ainda uma inteligência coletiva que se pode criar, devido a seu aspecto participativo, socializante, descompartmentalizante, emancipador. Esta seria uma das soluções para o ritmo desestabilizaste, por vezes excludente, da mutação técnica.

Além da inteligência coletiva, o crescimento do ciberespaço tem outros dois princípios: a interconexão, cuja tendência é uma sensação de espaço envolvente, constitui para a humanidade um contínuo sem fronteiras e tece um universal por contato (LÉVY, 2010, p.

129). E as comunidades virtuais, que são construídas pelas afinidades, independentemente das proximidades geográficas e das filiações institucionais (LÉVY, 2010, p. 130). Portanto temos um ciberespaço funcionando como uma língua que une o mundo e milhões de pessoas de repertórios heterogêneos que criam signos, formas interpretantes infinitas. É verdade que o ciberespaço com base na informática também constitui um sistema de controle de caráter ideal ou informacional, mas ainda assim transforma o trabalho, a comunicação, o conhecimento, isto é, a própria cultura. Ao redefinir a maioria das atividades cognitivas, modifica nossa apreensão do mundo, instituindo uma nova era antropológica, assim como a escrita instaurara a história. (LÉVY, 1998, p. 35)

Desta forma o ciberespaço se configura como uma cibercultura, com uma linguagem mutante, mas compartilhada. Esta linguagem a sua vez é uma condição de possibilidade de um mundo (LÉVY, 1998, p. 162), se pode prever também formas de responder com metalinguagens que as pessoas já estão criando, a mensagem para as massas não vem só de fora, senão que se modulam e transformam dentro da red. “Já que tudo é possível, ela manifesta a conexão do homem com a sua própria essência, que é a aspiração à liberdade” (LEMOS, 2010, p. 12). Nesta cibercultura, como toda cultura que se configura como um sistema simbólico — e como todos os sistemas de símbolos — está sujeito às transformações solicitadas pelas necessidades de seu criador e usuário (BAITELLO, 1999, p. 96).

Dentro de estas transformações também podem nascer mentes, que veem o ciberespaço até como nicho para posicionar-se e “atacar”. Como se verifica na obra do historiador, escritor e poeta, Hakim Bey. Segundo o ensaio que Bey propõe sobre a Zona Autônoma Temporária (TAZ) o usuário da rede, pode criar ataques sobre às estruturas de controle, essencialmente às ideias. Ele continua e explica: "As táticas de defesa são a "invisibilidade", que é uma arte marcial, e a "invulnerabilidade", uma arte "oculta" dentro das artes marciais." (BEY, p.5, grifo do autor)

5. A Cibercultura como Obra Aberta

Umberto Eco propõe na noção de obra aberta, uma pluralidade de significados de uma obra de arte, este tipo de apreensão do interpretante para o objeto, configurariam uma nova mecânica da percepção estética. Minha inquietude agora é tentar criar uma conexão, adotar, a linguagem da cibercultura como uma obra aberta, o ser humano, dotado de capacidade interpretativa, pode gerar possibilidades de usabilidade nela.

A obra de Kosuth é baseada nesta abordagem, o espectador é quem cria a obra, propõe

que uma arte verdadeiramente política não deve ficar com a criação exclusiva da mensagem, senão que se deve incluir ao espectador no questionamento da natureza e o processo da arte mesmo. Na sua obra “Uma e Três cadeiras” Kosuth propõe uma fonte de possibilidades para poder comover ao receptor e despertar um significado único. Nela apresenta três formas de cadeiras: a dobrável, uma fotografia e a imagem aumentada de uma definição de algum dicionário sobre a palavra "cadeira".



Figura 1- Título: Uma e três cadeiras, Autor: Joseph Kosuth. ⁴

Quando interagimos com o ciberespaço nos encontramos na posição de um espectador, depende de nós mesmos, o resultado de nossa comunicação. Temos a oportunidade de preencher esse espaço com a inteligência coletiva, a interconexão e as comunidades virtuais. Assim mesmo a comunicação não é eficaz se não inclui também interações de colaboração e transação entre um e os outros (CANCLINI, 1985, p.19, tradução nossa).

6. Resistencia no ciberespaço.

Valendo-nos da teoria da semiótica no campo da cultura, o ciberespaço é assim uma fonte de possibilidades de narrativas. Segundo Baitello Junior (1999, p. 37):

Narrativizar significou e significa para o homem atribuir nexos e sentidos, transformando os fatos captados por sua percepção em símbolos mais ou menos complexos [...]. Foi provavelmente este procedimento o gerador de um universo de sentidos — um universo simbólico — que a Semiótica da Cultura procura investigar.

⁴ Disponível em: < <http://noticias.universia.com.br/destaque/noticia/2012/04/24/925235/conheca-uma-e-tres-cadeiras-joseph-kosuth.html#> > Acesso em 21 de junho de 2016.

E artistas como Brecht Vandenbroucke encontraram na rede, uma oportunidade de proporcionar mensagens através de ilustrações, de crítica e resistência, justamente à “sociedade de elite” que tem o poder das mídias. Paradoxalmente as críticas ao sistema se propagam utilizando o mesmo meio dele. Ou seja, gerou um significado, achou uma forma na percepção sobre o uso das redes sócias. E dialogando com a o ensaio de TAZ de Hakim Bey, anteriormente citada, o fazer deste artista constituiria uma estratégia como uma tentativa de arquitetar a construção de uma net alternativa e autônoma, "livre" e não parasítica, que servirá como a base de uma "nova sociedade emergindo do invólucro da antiga"(BEY, p.11, grifo do autor).

Vandenbroucke, artista belga, é cartunista, ilustrador e também trabalha pinturas que exploram a vida contemporânea. As quais aplicam um sentido crítico e além de ser veiculadas, por meios de comunicação massivo como revistas e em exposições em galerias, encontraram no ciberespaço através do Instagram, Facebook e Blogs, comunidades virtuais de aceitação. São aproximadamente 108.000 resultados num tempo de 0,32 segundos que através da plataforma do Google, que um usuário encontra resultados apenas colocando o nome do artista. Vandenbroucke, por exemplo, na peça “The weight of words” expõe sua crítica às etiquetas nas redes sociais e ilustra aos “hashtags” como se fossem motivo de dor para os usuários.



Figura 2-Título: The weight of words. Autor: Vandenbroucke. ⁵

⁵ Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BGWBs7Hg6M9/?taken-by=brechtvandenbroucke> > Acesso em 21 de junho de 2016.

O autor também propõe seu posicionamento sobre o racismo que poderia acontecer nos produtos da mídia, na peça “You guys can’t hang here”.

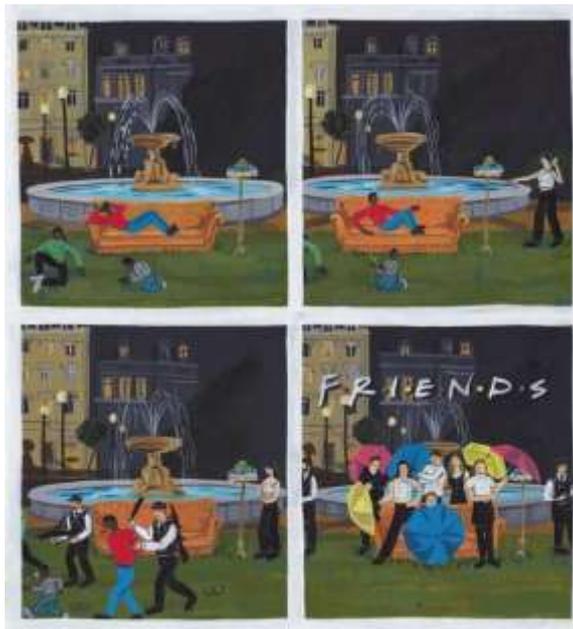


Figura 3- Título: You guys can’t hang here. Autor: Vandenbroucke. ⁶

As manifestações de crítica de Vandenbroucke poderiam se traduzir na teoria da tática que Certeau (1998, p. 45) propõe, onde coloca aos consumidores como produtores desconhecidos de práticas significantes:

No espaço tecnocraticamente construído, escrito e funcionalizado onde circulam, as suas trajetórias formam frases imprevisíveis, "trilhas" em parte ilegíveis. Embora sejam compostas com os vocabulários de línguas recebidas e continuem submetidas a sintaxes prescritas, elas desenham as astúcias de interesses outros e de desejos que não são nem determinados nem captados pelo sistema onde se devolvem.

Desta forma, agora afastando-nos do papel de simples consumidor passivo, Certeau vê nas circunstâncias a possibilidade de criar táticas, e diz sobre elas:

Ela não dispõe de base onde capitalizar os seus proveitos, preparar suas expansões e assegurar uma independência em face das circunstâncias [...], a tática depende do tempo, vigiando para "captar no vôo" possibilidades de ganho. O que ele ganha, não o guarda. (1998, p. 46, grifo do autor).

Podemos encontrar uma similitude com a dinâmica que o ciberespaço provê, como usuários da rede, não possuímos uma independência, mas dispõe-se da rápida interconexão.

⁶ Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BCe8r6yg6H7/?taken-by=brechtvandenbroucke> > Acesso em 21 de junho de 2016

As massas viram uma multidão de heróis quantificados que perdem nomes e rostos tornando-se a linguagem móvel de cálculos e racionalidades que não pertencem a ninguém (CERTEAU, 1998, p. 58). Como já se aconteceu na época colonial espanhola, as comunidades indígenas, em seu afã, de preservar sua cultura, metaforizavam a ordem dominante: faziam-na funcionar em outro registro (CERTEAU, 1998, p. 94).

Na linguagem mutante da cibercultura, Certeau (1998, p. 95, grifo do autor) cita a Gilbert Ryle:

Servindo-se de uma distinção saussuriana entre "língua" (um sistema) a "palavra" (um ato), comparava a primeira a um capital e a segunda às operações que ele permite de um lado um estoque, do outro, negócios e usos.

Pensando então na lógica de ser sujeitos participantes da dinâmica da comunicação na cibercultura, encontramos que existem diversas formas de fazer, formas de perceber a realidade. Entender como ponto de partida, nossa capacidade de intervir criticamente, valendo-nos das circunstâncias, significaria também retomar a responsabilidade que temos como consumidores, frente a realidade sociocultural que sempre está mudando. Se existe um norte para o caminho na área da comunicação, seria talvez, lembrar que não existem só massas de pessoas, público alvos que atingir, mas sim seres humanos e com uma subjetividade por expressar.

7. Conclusão

O universo mutante do ciberespaço definitivamente cria novas formas de interação do receptor com as mensagens, ele pode manipular, fazer uma própria propaganda e comunicar não necessariamente a mesma mensagem que foi destinado para ele. Nas redes sociais, por exemplo, os usuários configuram uma *data base*, uma fonte de informações para grupos econômicos, mas também configuramos um universo de interconexão mundial, de comunidades virtuais com uma inteligência coletiva. Ser conscientes destes “poderes” formam parte da constante mutação da linguagem da cibercultura. Vandenbroucke é um dos usuários que percebeu no ciberespaço outra forma de usabilidade, além de propagar seu trabalho, criou mensagens de crítica. Portanto o ciberespaço se configuraria como uma obra aberta, disponível a diversas formas de interpretação e possibilidades de usabilidade. Ser meros reprodutores de conceitos parece ser ilógico frente ao amplo universo simbólico da contemporaneidade, desde o ponto de vista em que os seres humanos somos livres em relação

à máquina, a qual não nos define, mas é uma extensão já das nossas vidas.

O ser humano ao conviver com este mundo onde a interação com os meios digitais são parte da sua cultura, se encontra num contínuo desenvolvimento e ficar numa perspectiva apocalíptica, com respeito àquilo, significaria ficar com uma ideia de incapacidade de lidar com o ambiente.

Por fim a ideia de controle das massas ainda existe, mas pouco a pouco este conceito vira uma ilusão, o ser humano não é uma cifra, um simples público alvo que atingir; possui uma mente interpretante, cuja capacidade não se pode subestimar.

Referências

BAITELLO JUNIOR, Norval. **O animal que parou os relógios**. 2.ed. São Paulo: Annablume, 1999. 126 p.

BEY, Hakim. **TAZ Zona Autônoma Temporária**. Digitalização: Coletivo Sabotagem. Disponível em: < <https://drive.google.com/file/d/0B7oJ1wJmo9kXX0NMX19BSmROMIU/edit> > Acesso em: 1 jul. 2016, 05:20:30.

CANCLINI, Néstor García. **Consumidores y Ciudadanos Conflictos culticulturales de la globalización**. México: Editorial Grijalbo, 1995. 198p.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. 3.ed. Petropolis: Vozes, 1998. 351p

DELEUZE, Gilles. **Conversações: 1972-1990**. São Paulo: Ed. 34, 1992. 226 p.

ECO, Umberto. **Apocalípticos e integrados**. Espanha: Editorial Lumen: 1984. 403 p. Disponível em: < https://monoskop.org/images/c/c4/Eco_Umberto_Apocalipticos_E_Integrados_1984.pdf > Acesso em: 21 jun. 2016, 02:25:30.

ECO, Umberto. **Tratado geral de semiótica**. 2.ed. Sao Paulo: Perspectiva, 1991. 282p.

HERNÁNDEZ, Manuel; MARTÍN, Juan Luis. **La Recepción de la obra de arte y la participación del espectador en las propuestas artísticas contemporâneas**. Universidad Complutense de Madrid; Universidad Europea CEES. Disponível em: < http://reis.cis.es/REIS/PDF/REIS_084_06.pdf > Acesso em: 21 jun. 2016, 04:25:10.

NIEMEYER, Lucy, **Elementos da semiótica aplicados ao design**. Rio de Janeiro: 2AB, 2003. 80 p.

LÉVY, Pierre. **Cibercultura**. 3. ed. São Paulo, SP: Editora 34, 2010. 271 p.

LÉVY, Pierre. **A máquina universo: criação, cognição e cultura informática**. Porto Alegre: Artmed, 1998. 173 p.

LEMOS, André. **Cibercultura: tecnologia e vida social na cultura contemporânea**. 5. ed. Porto Alegre: Sulina, 2010. 295 p.

SANTAELLA, Lúcia; NÖTH, Winfried. **Comunicação e semiótica**. São Paulo, SP: Hacker, 2004. 248 p.

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1994.